

FRANZ KAFKA

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
11.º ano

A METAMORFOSE

Versão integral.

Prefácio da escritora

Maria do Rosário Pedreira



Quando, uma manhã, Gregor Samsa despertou de sonhos inquietos, achou-se na sua cama transformado num bicho monstruoso. Estava deitado sobre as costas, duras como uma couraça, e viu, ao erguer um pouco a cabeça, a barriga abaulada, castanha, segmentada por reforços arqueados, sobre a qual, prestes a resvalar por completo, o cobertor mal se conseguia ainda aguentar. As suas muitas pernas, lastimosamente delgadas em comparação com o resto do corpo, tremiam-lhe de forma desajeitada diante dos olhos.

Que me aconteceu? pensou. Não era um sonho. O seu quarto, um autêntico quarto para pessoas, apenas um tanto exíguo, encontrava-se tranquilo

entre as quatro paredes que lhe eram familiares. Por cima da mesa, sobre a qual estava espalhada uma coleção de amostras de tecidos desembrulhados — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a imagem que ele tinha recortado, havia pouco, de uma revista ilustrada, e que colocara numa bonita moldura dourada. Representava uma senhora que, provida de um chapéu e de uma estola de pele, estava sentada a direito e erguia em direção ao observador um pesado regalo, no qual todo o seu antebraço desaparecia.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela, e o tempo escuro — ouvia-se o bater de gotas de chuva no parapeito da janela — deixou-o completamente melancólico. *E se eu ainda fosse dormir um pouco mais e esquecesse todas estas tolices?* pensou. Mas isso era completamente impraticável, pois ele estava habituado a dormir deitado sobre o lado direito e, na sua condição atual, não era capaz de se colocar nessa posição. Fosse qual fosse a força com que se lançasse para o lado direito, tornava sempre a baloiçar para a posição de costas. Tentou-o talvez umas cem vezes, fechando os olhos para não ter de ver as patas a mexer-se, e só desistiu quando começou

a sentir no flanco uma ligeira dor surda, como até então nunca tinha sentido.

Ai, meu Deus, pensou, que profissão cansativa escolhi! Dia sim, dia não, em viagem. As preocupações com os negócios são muito maiores do que no escritório e, além disso, ainda me cai em cima esse flagelo do viajar, o martírio dos horários dos comboios, a alimentação irregular e má, relações humanas sempre variáveis, nunca estáveis, e que nunca se tornam cordiais. Diabos levem isto tudo! Sentiu uma ligeira comichão na parte de cima do ventre; arrastou-se lentamente, sobre as costas, até à cabeceira da cama, a fim de melhor poder erguer a cabeça; encontrou o sítio que lhe fazia comichão e que estava cheio de incontáveis pontinhos brancos, que ele não percebeu o que eram; e quis apalpar o sítio com uma pata, mas retirou-a logo, porque esse contacto provocou-lhe arrepios de frio.

Voltou a escorregar para a anterior posição. *Esta coisa de nos levantarmos antes do tempo, pensou, torna uma pessoa completamente imbecil. O ser humano tem de ter o seu sono. Há outros viajantes que vivem como odaliscas. Quando eu, por exemplo, regresso à estalagem, durante a tarde, para tomar nota das encomendas conseguidas, ainda esses senhores estão sentados à volta*

do pequeno-almoço. Eu que o tentasse fazer com o meu chefe; era logo posto na rua. Quem sabe, aliás, se isso não seria o melhor para mim. Se eu não me retivesse por causa dos meus pais, há muito que me teria despedido; teria ido ter com o chefe e, do fundo do coração, ter-lhe-ia dado a minha opinião. Ele havia de cair da cátedra! Também é uma coisa especial, essa mania de alguém se sentar na cátedra e falar lá de cima com o empregado, que, para mais, dada a surdez do chefe, tem de se chegar mesmo ao pé dele. Ora, a esperança ainda não está de todo perdida; assim que tenha juntado o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais — o que ainda pode demorar cinco a seis anos —, faço-o de certeza. Dar-se-á então o grande corte. Por agora, em todo o caso, tenho de me levantar, pois o meu comboio parte às cinco horas.

E olhou para o outro lado, para o despertador que fazia tiquetaque em cima do armário. *Pai do Céu!* pensou. Eram seis e meia e os ponteiros continuavam a avançar tranquilamente. Até passava da meia-hora, aproximando-se já dos três quartos de hora. O despertador não teria tocado? Via-se da cama que este tinha sido corretamente regulado para as quatro horas; com certeza que tinha tocado. Sim, mas como era possível continuar a dormir tão calmamente

com aquele toque que fazia estremecer os móveis? Bem, calmamente é que ele não tinha dormido, mas era provável que, por isso mesmo, tivesse dormido ainda mais profundamente. Mas que havia de fazer agora? O comboio seguinte saía às sete horas; para o apanhar, teria de se apressar muitíssimo, e a coleção ainda não estava embalada, nem ele próprio sentia, de maneira nenhuma, especialmente fresco e ágil. E mesmo que apanhasse o comboio, já não era possível evitar uma trovoada do chefe, pois o outro caixeiro teria estado à sua espera junto ao comboio das cinco horas e há muito teria comunicado a sua falta. Era uma criatura do chefe, sem coragem nem inteligência. E que tal se metesse baixa? Isso seria, contudo, extremamente penoso e suspeito, posto que Gregor, durante os seus cinco anos de serviço, não tinha estado doente uma única vez. Com toda a certeza, o chefe viria vê-lo com o médico da caixa de previdência, faria críticas aos pais por terem um filho preguiçoso e rejeitaria todas as objeções, invocando o médico da caixa de previdência, para o qual só havia pessoas inteiramente saudáveis, mas indolentes. E, de resto, neste caso, estaria assim tão completamente fora de razão? Gregor sentia-se, de

facto, muito bem, à parte a sua sonolência realmente supérflua ao cabo de um sono tão prolongado, e até tinha uma fome particularmente intensa.

Enquanto pensava em tudo isto com a maior pressa, sem conseguir decidir-se a deixar a cama — o despertador estava justamente a assinalar um quarto para as sete —, bateram cautelosamente à porta, à cabeceira da sua cama.

— Gregor — ouviu-se a voz da mãe —, são sete menos um quarto. Tu não querias sair?

Que voz tão meiga! Gregor assustou-se quando ouviu a sua voz que respondia, que talvez fosse inconfundivelmente a sua voz de antes, mas na qual, como que vindo de baixo, se misturava um doloroso piar, impossível de reprimir, que só no primeiro momento não afetava formalmente as palavras na sua clareza, para as transtornar de tal modo na sua ressonância que não se sabia se se tinha ouvido bem. Gregor teria querido responder pormenorizadamente e esclarecer tudo, mas, naquelas circunstâncias, limitou-se a dizer:

— Sim, sim, obrigado, mãe, eu já me levanto.

Sendo a porta de madeira, a alteração na voz de Gregor talvez não pudesse notar-se do lado de fora, pois a mãe sossegou com essa declaração e afastou-se

a arrastar os pés. Mas, em virtude daquela pequena conversa, a atenção dos outros membros da família tinha-se voltado para o facto de Gregor, contra toda a expectativa, ainda se encontrar em casa, e já o pai batia a uma das portas laterais, fracamente, mas com o punho.

— Gregor! Gregor! — chamou. — Então, que há?

E, passado um bocadinho, chamou outra vez, com voz mais grave:

— Gregor! Gregor!

Na outra porta lateral, porém, lamuriava baixinho a irmã:

— Gregor? Não te sentes bem? Precisas de alguma coisa?

Para ambos os lados respondeu Gregor:

— Já estou pronto.

E esforçou-se, com a mais cuidadosa pronúncia e com longas pausas entre as palavras, por retirar à sua voz tudo o que pudesse chamar a atenção. O pai, aliás, voltou ao seu pequeno-almoço, mas a irmã sussurrou:

— Gregor, abre a porta, suplico-te.

Gregor, porém, não pensava de todo em abrir a porta; pelo contrário, regozijava-se com a precaução,

que lhe adviera do viajar, de fechar à chave, mesmo em casa, todas as portas durante a noite.

Para já, queria levantar-se tranquilamente e à vontade, vestir-se e, sobretudo, tomar o pequeno-almoço. E só depois refletir quanto ao resto, pois, apercebia-se bem disso, na cama não chegaria com a reflexão a nenhum fim racional. Lembrava-se de, já umas quantas vezes, ter sentido, na cama, uma dor ligeira, talvez causada por estar deitado numa posição inapropriada, que depois, ao levantar-se, mostrava ser pura imaginação, e estava ansioso por ver como se dissipariam pouco a pouco as suas impressões desse dia. Que a alteração da voz não era mais do que o prenúncio de uma valente constipação, uma doença profissional dos caixeiros-viajantes, quanto a isso não tinha ele a mínima dúvida.

Desembaraçar-se do cobertor foi muito fácil; só precisou de se insuflar um pouco para o fazer cair por si próprio. Mas daí em diante a coisa foi mais difícil, principalmente por ele ter uma largura tão invulgar. Teria precisado de braços e de mãos para se levantar; mas, em vez disso, tinha apenas as muitas patinhas, que estavam ininterruptamente nos mais variados movimentos e que, de mais a mais, ele

não era capaz de controlar. Se quisesse dobrar uma delas, pois era essa a primeira que ele esticava; e se, por fim, conseguisse executar com essa pata aquilo que queria, entretanto trabalhavam todas as outras, como que deixadas à solta, na maior e na mais dolorosa excitação. *O que é preciso é não ficar inutilmente na cama*, disse Gregor consigo.

Em primeiro lugar, quis sair da cama com a parte inferior do corpo, mas essa parte inferior, que, de resto, ele ainda não tinha visto e da qual não podia fazer uma ideia exata, provou ser demasiado difícil de mover; era tudo muito lento; e quando ele, finalmente, quase enfurecido, reunindo todas as suas forças, se atirou para a frente sem cerimónias, havia escolhido a direção errada: embateu com violência nos pés da cama, e a dor muito forte que sentiu ensinou-lhe que precisamente a parte inferior do seu corpo talvez fosse, de momento, a mais sensível.

Tentou, por isso, retirar primeiro a parte superior do corpo e virou com toda a cautela a cabeça para a beira da cama. Nem lhe foi difícil consegui-lo, e, a despeito da sua largura e do seu peso, a massa do corpo acabou por seguir de forma lenta a viragem da cabeça. Mas quando, finalmente, pôs a cabeça ao

ar livre fora da cama, teve medo de continuar a avançar daquele modo, pois, se acabasse por se deixar cair assim, teria mesmo de acontecer um milagre para que a cabeça não se ferisse. E precisamente agora é que ele não podia perder o bom senso de maneira nenhuma; antes queria deixar-se ficar na cama.

Mas quando, após um idêntico esforço, se viu deitado como dantes, a suspirar, e voltou a ver as suas patinhas em luta umas com as outras, se possível ainda mais ferozmente, sem que encontrasse qualquer possibilidade de levar sossego e ordem àquela arbitrariedade, disse outra vez para si que era impossível poder continuar deitado e que o mais razoável era sacrificar tudo, contanto que houvesse a mínima esperança de, por esse meio, se libertar da cama. Porém, ao mesmo tempo, não se esqueceu de recordar a si próprio que uma reflexão calma e ponderada era muito melhor do que resoluções desesperadas. Em tais momentos, volvia o olhar com a máxima perspicácia possível para a janela, mas, infelizmente, da vista do nevoeiro matinal, que até ocultava o outro lado da estreita rua, pouca confiança e alegria se podia tirar. *Já são sete horas*, disse consigo, ao ouvir bater de novo o despertador, *já são sete horas e ainda está um*

nevoeiro destes. E, por um bocadinho, ficou tranquilamente deitado, com fraca respiração, como se estivesse à espera de que talvez voltassem a emanar do completo sossego as verdadeiras e evidentes circunstâncias.

Mas depois pensou: Antes que batam as sete e um quarto, preciso absolutamente de estar fora da cama. Além disso, até lá, também terá vindo alguém do escritório para perguntar por mim, pois a empresa abre antes das sete. E tratou, então, de fazer baloiçar o corpo inteiro, todo por igual, para fora da cama. Se se deixasse cair da cama desse modo, era provável que a cabeça, que ele ia erguer firmemente aquando da queda, permanecesse incólume. As costas pareciam ser duras; quando caísse sobre o tapete, não lhes iria talvez acontecer nada. O que mais o preocupava era a atenção ao forte estrondo que não podia deixar de se dar e que por certo iria provocar, do outro lado de todas as portas, se não susto, pelo menos preocupação. Mas havia que atrever-se a tanto.

Quando Gregor já tinha metade do corpo fora da cama — o novo método era mais um jogo do que um esforço, já que ele só precisava de se baloiçar aos solavancos —, veio-lhe à mente como tudo seria fácil se o viessem ajudar. Duas pessoas fortes — pensou

no seu pai e na criada — teriam bastado plenamente; só teriam de meter os braços por debaixo das suas costas abobadadas, tirá-lo assim da cama, inclinar-se para baixo com o fardo e depois esperar cautelosamente que ele executasse a reviravolta no chão, quando era de esperar que as patinhas adquirissem então algum sentido. Ora, abstraindo por completo do facto de estarem as portas fechadas à chave, devia ele, realmente, ter pedido ajuda? Apesar de toda a aflição, não pôde deixar de sorrir ao pensar nisso.

Já chegara ao ponto em que, ao baloiçar-se mais fortemente, mal mantinha ainda o equilíbrio — e, muito em breve, teria afinal de se decidir, pois dali a cinco minutos seriam sete e um quarto —, quando tocaram à porta de casa. *É alguém vindo da empresa*, disse para si, e quase ficou paralisado, ao passo que as suas patinhas dançavam num ainda maior desassossego. Por um momento, tudo permaneceu silencioso. *Eles não abrem*, disse Gregor de si para si, prisioneiro de uma qualquer esperança absurda. Mas depois a criada lá foi, como sempre, com passo firme até à porta, e abriu. Gregor só precisou de ouvir a primeira palavra de saudação do visitante para logo saber de quem se tratava — o chefe em pessoa.

Um livro misterioso, fascinante e inesquecível.

Nesta obra, Franz Kafka apresenta-nos Gregor, um humilde caixeiro-viajante que, certo dia, acorda transformado num bicho horrível. É na família que Gregor pensa imediatamente, pois é ele o sustento dos pais e da irmã mais nova. Como poderá continuar a ajudá-los se nem consegue comunicar com eles? A família, por seu lado, não pensa tanto na situação inusitada em que Gregor se encontra, nem no que este poderá estar a sentir, mas antes no incómodo que isso lhes provoca.

Obra metafórica e simbólica, *A Metamorfose* fala-nos do comportamento humano, da impotência perante o absurdo, da angústia, da solidão e da rejeição da família e da própria sociedade. Uma obra escrita há mais de um século e de uma grande atualidade.

«Nestes tempos terríveis em que o Outro — aquele que vem de fora, quantas vezes fugindo à guerra ou à miséria, à procura de uma vida mais digna — é olhado com desconfiança e considerado uma ameaça ao equilíbrio instalado (multiplicam-se os atos racistas e xenófobos, incluindo nas escolas e universidades), *A Metamorfose*, se for lida com a atenção que merece, pode ajudar a melhorar o mundo: porque é urgente que se olhe menos para o que os outros têm e mais para aquilo que são.»




in Prefácio de Maria do Rosário Pedreira

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

15+

ISBN 9789895644315



9 789895 644315 >